

A Questão Educacional e o Ideário de Civilização na América Hispânica: Simon Bolívar, José Martí e Domingo Sarmiento

Rosane Cristina de Oliveira^(*)

Introdução

O processo de colonização da América Hispânica baseou-se em três pilares: terra, igreja e educação. A integração entre grandes proprietários rurais, valores religiosos e a população indígena, fez com que os países colonizados pela Espanha assumissem dimensões civilizatórias diferentes daquelas que foram instituídas na América Portuguesa. Durante o extenso período de colonização, entre os séculos XVI e XVIII, a igreja no território hispânico, por exemplo, relegava ao indígena a condição de súdito do Rei, com direitos e deveres; havia a necessidade de criação de instituições de ensino superior, especialmente pelo fato de que era fundamental difundir os valores e a cultura ibérica naquela parte do mundo. Além disso, havia a compreensão de que a partir do empreendimento educacional e religioso, o processo civilizatório seria consolidado de forma mais eficaz.

Por outro lado, na América Portuguesa, a estrutura colonial alicerçava-se na propriedade privada, no trabalho escravo e a instituição eclesiástica brasileira não interfere no processo de escravidão: apenas aceitava e justificava a sua necessidade. Um bom exemplo é a obra do Padre André João Antonil, *Cultura e Opulência no Brasil por suas drogas e minas*, de 1711. O texto de Antonil, embora desprezioso do ponto de vista intelectual, tinha o objetivo de especular e esquematizar a grandiosidade e, ao mesmo tempo, as questões referentes à descoberta das minas de ouro e diamante, a cultura do gado e do fumo, no território da colônia portuguesa. E, ao longo do texto, as referências à questão da escravidão aparecia como elemento constitutivo da economia colonial e o envolvimento da Igreja era quase sempre de justificativa da necessidade do escravo e o seu lugar de propriedade do senhor de engenho. Entretanto, logo após a publicação dos primeiros exemplares, em 1711, a reação do Rei D. João V foi desfavorável ao conteúdo

^(*) Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ, docente da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO e professora adjunta das Faculdades Integradas Simonsen.

que abrigava a obra de Antonil. A ordem expressa proferida pelo Conselho Ultramarino foi queimar os exemplares. Poucos foram salvos (cerca de sete exemplares), e destes, dois encontram-se na Biblioteca Nacional, situada no Rio de Janeiro.

Portugal temia que a divulgação das riquezas do Brasil aticçassem a cobiça de outros reinos e, por “razão de Estado”, era preciso eliminar os exemplares existentes. Somente em 1837, a obra foi editada integralmente no Rio de Janeiro, e em 1923, editada novamente com a introdução de Affonso de E. Taunay.

Sem desmerecer a dimensão da importância da colônia portuguesa, neste breve texto procurou-se apresentar e discutir a questão das propostas para a educação e o ideário civilizatório, nelas estabelecidos, nos argumentos de alguns dos protagonistas da emancipação da América Hispânica, quais sejam: Simon Bolívar, Domingo Sarmiento e José Martí. Tal escolha justifica-se pelo fato de que, embora compreendessem a necessidade do rompimento com o domínio espanhol, reconheciam que a população não estava preparada para a liberdade, conforme argumentou Simon Bolívar. Além da falta de preparo para o exercício da liberdade, era preciso observar as bases da estrutura social que não permitia unidade política e cultural em torno de um projeto nacional – situação fundamental levantada por Sarmiento ao analisar o processo de emancipação da Argentina, especialmente ao citar a população que se localizava nos pampas. Por fim, acentuamos a leitura de José Martí, baseada na idéia de que a emancipação nacional e o ideário de civilização deveriam ser alcançados por meio da educação popular – uma questão marcante no pensamento de José Martí.

Bolívar: liberdade e civilização na América Hispânica

Bolívar nasceu no ano de 1783, em Caracas, Vice-Reinado da Granada e, posteriormente, Venezuela. Foi aclamado “o libertador”, pois ao longo da primeira metade do século XIX passou por várias partes do território da América hispânica promovendo a emancipação política destas localidades. Os seus escritos, em geral discursos proferidos ao longo de sua jornada, são fundamentais para compreendermos qual era o ideário de civilização almejado por Bolívar. Neste trabalho destacamos apenas os discursos (especialmente o Discurso de Angostura, proferido em 1819) nos quais Bolívar expressou a preocupação diante do legado da escravidão deixado pelo colonizador, que não permitiu à população hispânica o exercício pleno da liberdade.

Bolívar chamou a atenção em seus discursos para a necessidade de promover a educação popular. Esta dimensão significou um dos recursos essenciais para o processo de emancipação política, tanto na Venezuela, como em outros países de colonização hispânica ao longo do século XIX. Por um lado, abriria “ao povo o caminho para o acesso a uma vida mais produtiva e remunerada”; e, por outro, “modificaria a estrutura de uma sociedade que, sem classes médias, exibia no topo uma oligarquia de proprietários, letrados e funcionários, e tinha por baixo apenas um povo ignorante, miserável e passivo”.¹

No período em que Bolívar investiu no processo de emancipação da Venezuela, além dos problemas sócio-econômicos que assolavam aquela região, a questão do analfabetismo e a escassez de mestres faziam parte do contexto mundial. Por este motivo, um dos métodos de alfabetização mais utilizados na época foi o Lancaster, baseado na iniciativa dos alunos mais adiantados das escolas para ensinar os “recém-chegados ou os mais desleixados”. Bolívar conheceu Lancaster em Londres e uma das suas iniciativas no sentido de resolver o problema educacional na América Hispânica seria a adoção de seu método. Entretanto, diante da complexidade na resolução dos problemas educacionais na Venezuela, a inserção desse método não encontrou apoio entre alguns expoentes da política daquele país, entre os quais, Dom Andrés Bello e Dom Simon Rodriguez.

No discurso de Angostura, Bolívar deixaria clara a importância da criação não apenas de um projeto educacional abrangente, mas acima de tudo, a instauração de um processo educacional direcionado para aqueles que deveriam, de forma vitalícia, exercer os cargos mais importantes da nação: o de legislador. Os senadores devidamente escolhidos pelo Congresso no ato de legítima liberdade iniciariam uma geração de indivíduos dignos de assumir o cargo mais importante para a nação. Para Bolívar, seria

um ofício para o qual devem ser preparados os candidatos, e é um ofício que exige muito saber e os meios proporcionados para adquirir sua instrução. Não deve se deixar tudo ao acaso e à sorte das eleições: o povo é enganado mais facilmente do que a natureza aperfeiçoada pela arte; e ainda que seja verdade que estes senadores não sairiam do seio das virtudes, também é verdade que sairiam do seio de uma educação ilustrada².

A “educação ilustrada” não inviabilizou a opção pela educação popular. A proposta de Bolívar seria, justamente, criar métodos de ensino diferenciados de acordo com a própria

¹ MIJARES, Augusto. Bolívar como político e reformador social (Prólogo). In *Bolívar: o libertador*. Caracas, Venezuela; Adipro; Rio de Janeiro, 2007, p. XII.

² BOLÍVAR, Simon. Discurso de Angostura. In: *Simon Bolívar, o libertador*. Caracas, Venezuela; Adipro; Rio de Janeiro, 2007, p. 109-110.

disposição política pela qual os países da América Hispânica encontravam-se. Neste sentido, o reconhecimento de uma educação popular para que, o quanto antes, a população assimilasse as letras e pudesse participar ativamente da “liberdade política”, seria a melhor opção para o processo de emancipação “desta parte do mundo”. Por outro lado, tornar hereditário o cargo de Senador garantiria, segundo Bolívar, uma legislação firme e fiel aos princípios libertários daqueles que a construíram no primeiro momento. Portanto, “um Senado hereditário” seria a garantia “fundamental do poder do Poder Legislativo” e a base do poder do Governo ³.

Além da educação “ilustrada” destinada aos Senadores, Bolívar defendia a educação popular e a sua importância na construção de uma civilização forte – assentada na moral e nas “luzes”. Este processo educacional, devidamente controlado pelo Senado, estava baseado numa leitura cuidadosa do mundo grego romano (Atenas, Roma e Esparta) e, “fazendo uma santa aliança destas instituições morais” a idéia seria devolver ao “mundo a idéia de um povo que não se contenta com ser livre e forte, mas que quer ser virtuoso”. Portanto, Bolívar recorria à questão da moral e das “luzes” baseado no espírito greco-romano, para promover o projeto educacional e a emancipação cultural e política da população da América hispânica.

Embora o projeto de Bolívar fosse interessante, ele reconhecia que a população levaria um longo tempo para se livrar das amarras deixadas pela antiga metrópole. O argumento central de Bolívar era o mau uso da liberdade provocado pela ausência do espírito de nação. Por este motivo, Bolívar defendera a busca máxima da liberdade e o mínimo de participação política. Tal proposição parece antagônica, mas ao observarmos o ideário de composição do Senado baseado nos “ilustrados”, conforme chamamos a atenção anteriormente, Bolívar justificaria sua preocupação com a condição de subserviência do povo venezuelano e, por conseguinte, das demais nações do território da América hispânica. Um projeto de educação para o povo, e outro projeto para os que seriam responsáveis pela República, parecia a melhor medida a ser tomada pelos integrantes do Estado.

Entretanto, do ponto de vista político, não seria possível transformar em três anos uma sociedade que ao longo de três séculos esteve submetida à metrópole dentro do regime de escravidão. Para Bolívar, a América poderia se transformar no “império da liberdade e

³ Bolívar fez referências ao Senado Britânico, cuja principal característica era a manutenção da liberdade. Assim, a proposta de Bolívar era dar ao Senado Venezuelano o status de “baluarte da liberdade” e acima de tudo um “lugar” para perpetuar a República (Idem, p. 47).

da igualdade” desde que se estabelecessem bases institucionais sólidas. O êxito das propostas de Bolívar não foi alcançado porque, segundo Soriano,

Como a maioria dos homens educados no espírito do Iluminismo, acreditava que a razão em marcha seria capaz de ultrapassar todos os obstáculos e transformar, com sua simples revelação, a realidade histórica; nesse sentido, e analisando os fatos no contexto de um estreito horizonte histórico, não teve – como tampouco tiveram outros homens de seu tempo – a medida do possível, ou melhor, do equilíbrio entre o que se quer e o que se pode, e o resultado foi a frustração política ⁴.

O projeto de Bolívar para a América hispânica encontrou muitas divergências em torno dos que controlavam o poder político: a Espanha continuava a enviar tropas para frear o processo de emancipação e o governo de Bolívar receberia duros golpes. O “Libertador” faleceu em 1830 de tuberculose, solitário e em um casebre onde morou desde que abandonou o exercício do poder político em Bogotá.

Na primeira metade do século XIX, Domingo Sarmiento, partiria do estudo da estrutura social argentina para compreender os motivos pelos quais aquela sociedade não conseguiria a emancipação política e cultural: o distanciamento estabelecido entre o homem dos pampas e o homem da cidade impedia a união daquela população em torno de um projeto nacional.

Civilização *versus* barbárie: Sarmiento e a dificuldade de educar a sociedade argentina em torno de um projeto nacional

Domingo Sarmiento nasceu em 1811, em San Juan, capital província da Argentina. De origem humilde, foi praticamente autodidata e ao longo dos anos 1840, teve que buscar o exílio por causa de suas diferenças declaradas sobre o governo de Rosas ⁵. Passou a maior parte do tempo de exílio no Chile e, neste período escreveu sua obra de maior peso: *Facundo: civilización y barbárie*. Antes mesmo da divulgação do positivismo de Augusto Comte na Europa, Sarmiento pensava em termos evolutivos os aspectos que poderiam levar a sociedade ao estágio da mudança. O problema da América hispânica e, em particular da Argentina, estaria na configuração da estrutura social peculiar àquela sociedade.

Ao contrário de Bolívar, que pensava na unidade das nações que faziam parte da América hispânica de acordo com o ideário comum e de uma educação diferenciada para o

⁴ SORIANO, Graciela. Introdução. In: Bolívar, Simon. *Escritos Políticos*. Caracas: Alianza, 1969, p. 37.

⁵ O governo de Rosas perdurou por mais de duas décadas, entre 1829 e 1852.

povo e os seus representantes, Sarmiento atribuiu ao determinismo geográfico que envolvia a população dos pampas e ao fenômeno do caudilhismo, os principais motivos que não permitiam ao povo argentino exercer sua liberdade e obter a unidade política e cultural que permitisse a construção de um projeto nacional.

Sarmiento, ao analisar a sociedade em termos evolutivos e com ênfase no determinismo geográfico, chegaria à grave conclusão de que as características selvagens do homem do campo (especialmente a sua insegurança) foram assimiladas pela maior parte da população argentina. O isolamento da população dos campos provocado pelos obstáculos naturais dos pampas, e a “civilidade” do homem da cidade, traduziam um problema de difícil resolução. Nos pampas, a educação era deficiente, especialmente pela dificuldade de acesso à escola. Ao comentar sobre a Revolução de 1810, Sarmiento daria maior destaque ao homem da cidade, pois estava mais adepto ao estilo de vida com características européias.

En las ciudades había libros, ideas, espíritu municipal, juzgados, derechos, leyes, educación: todos los puntos de contacto y de mancomunidad que tenemos con los europeos; había una base de organización, incompleta, atrasada, si se quiere; pero precisamente porque era incompleta, porque no estaba a la altura de lo que ya se sabía que podía llegar a ser, se adaptaba la revolución con entusiasmo ⁶.

Contudo, esse processo revolucionário encontrou entraves irremediáveis com a ascensão de Rosas ao poder. A cidade, antes sinônimo de civilização e de glórias, foi relegada à barbárie entre os anos de 1810 e 1840.

Para Sarmiento, ao analisar a originalidade e as características do argentino, a implantação de um projeto de civilização seria possível somente mediante a transformação radical do modo de vida do gaúcho. Seria preciso aproximar o campo da cidade através da criação de laços de solidariedade entre eles. No seu governo, entre 1868 e 1874, propôs o sistema de educação pública e a imigração, pois julgava que a mudança na estrutura social estaria baseada na assimilação de determinados valores vindos de uma cultura mais avançada. Neste sentido, a cidade seria o lugar da disseminação do processo de civilização e da reorganização da estrutura social do povo argentino. Segundo Sarmiento,

Si de las condiciones de la vida pastoril, tal como la há constituído La colonización y la incúria, nacen graves dificultades para una organización política cualquiera y muchas más para el triunfo de la civilización europea, de

⁶ SARMIENTO, Domingo. *Civilización y barbarie*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 109. Estas questões estão no capítulo 1, *Aspectos físicos de la república argentina y caracteres, hábitos e ideas que engendra*.

sus instituciones, y de la riqueza y libertad, que son sus consecuencias, no puede por otra parte, negarse que esta situación tiene sus costado poético, y faces dignas de la pluma del romancista ⁷.

Durante seu exílio, no Chile, dedicou-se a alguns estudos, entre os quais publicou em 1845 o *Método de lectura gradual*, cujo conteúdo apresentava uma de suas idéias políticas para a questão educacional argentina. Neste estudo, Sarmiento deixou claro que a educação (popular) traria ao cidadão dignidade e o principal fator de mudança e modernização da sociedade. Além disso, a educação básica deveria ser de responsabilidade do Estado, independente do poder político ou religioso. A educação primária seria destinada a todos, pois seria o instrumento fundamental para o exercício das diversas funções na vida civilizada. Ao longo de seu governo, Sarmiento implantou algumas políticas de acordo com a sua dimensão de educação popular: regulamentou os serviços da Biblioteca Nacional, criou bibliotecas populares, fundou a primeira *Escuela Normal* para a formação de mestres, fundou a Escola Militar, Naval e o Observatório Astronômico de Córdoba.

Entretanto, ao longo de sua estadia à frente do governo argentino, o seu ideário educacional e tentativa de construção do espírito nacional⁸ encontrou alguns entraves. Por um lado, a herança deixada pelos anos de colonização européia impediu que a população assimilasse, de fato, uma identidade voltada para a realidade argentina. Por outro lado, a população que habitava os pampas não conseguiu a integração almejada por Sarmiento. Para ele, o homem dos pampas, devido à disposição de distanciamento geográfico e ausência de uma reação crítica acerca da sociedade que o cerca, impediu que seu projeto de educação popular, direcionado para a dimensão da transformação social, não chegasse às vias de fato.

Nos últimos anos de sua vida, Sarmiento não escondeu seu descontentamento com os rumos que a sociedade argentina tomara. Seu projeto de educação popular sofreu muitos abalos. Sarmiento atribuiria à herança negativa deixada pela colonização o fracasso do sistema educacional e da construção do sentido de civilização e nacionalismo na Argentina.

Na segunda metade do século XIX, José Martí olharia para o processo de independência de Cuba e a crescente ameaça dos Estados Unidos em relação à América Latina. Tal ameaça, levaria Martí a defender a idéia de que os latino-americanos deveriam cultivar uma identidade própria.

⁷ Idem, p. 77.

⁸ Sobre a construção da identidade nacional na Argentina, ver o estudo de Pamplona (2003).

José Martí a construção da identidade do latino-americano

José Martí nasceu em Cuba (1853-1895), e na idade adulta encontraria uma América Latina envolvida em processos de emancipação. Martí dedicou sua vida e seus escritos à causa de sua pátria e na consolidação de um conjunto de nações soberanas, exaltando a herança cultural da América do Sul⁹. Por conta de sua posição política, passou um bom tempo no exílio em vários países (Espanha, México, Guatemala, Venezuela e Estados Unidos). Viveu muitos anos em Nova York e, por conta desta proximidade com os norte-americanos, Martí desenvolveu um misto de admiração e de receio diante daquela nação. A admiração por aquela sociedade baseava-se no estilo de cultivo da terra, nos avanços tecnológicos e especialmente no estilo de educação popular implantado em várias regiões dos Estados Unidos. O receio ocorria pelo medo de trocar uma dominação (a espanhola) por outra, ainda mais poderosa.

Em *Nuestra América*, observamos as proposições de Martí sobre a construção histórica das sociedades latino-americanas e a sua admiração em relação à luta pela liberdade dos Estados Unidos contra a coroa britânica: “no querían los hombres nuevos, coronados de luz, inclinar ante ninguna otra corona”¹⁰. Ao comentar sobre o estilo de colonização entre as Américas, Martí reconhece que a característica sangrenta da conquista no Sul relegou à sua população o distanciamento quase que por completo do sentido de liberdade. Por este motivo, os elementos religiosos (o protestantismo) que exaltaram o sentimento de liberdade no Norte, não fizeram parte da construção da civilização hispânica na América. A igreja espanhola trouxe para esta parte do mundo mais uma forma de dominação e de manutenção da ordem colonial.

Martí recorreria em sua obra ao reconhecimento do valor de heróis, entre eles Simon Bolívar, na tentativa de disseminar o sentimento de luta e da busca do sentimento de liberdade. Da América no norte, Martí exalta a adequação entre o povo e as instituições. A ausência desta junção na América Latina traduzia, por exemplo, um dos principais entraves para a verdadeira participação popular no processo de emancipação.

Assim como o projeto de Bolívar sobre a construção de um bloco latino-americano que, gradativamente superasse os problemas sócio-econômicos de cada nação, Martí defendia a união das nações latino-americanas em prol da valorização econômica, política e

⁹ É importante lembrar que Martí fundou o Partido Revolucionário Cubano.

¹⁰ MARTÍ, José. *Nuestra América*. Havana, Cuba: Editorial Letras Cuibanas, 1981, p. 144.

cultural desse continente diante das demais potências mundiais. Para que esse projeto fosse adiante, Martí destinava às instituições de ensino e pesquisa, a responsabilidade de estudar a história americana e apontar seus problemas e possíveis resoluções. Neste sentido, a proposta de educação popular de Martí trouxe elementos importantes para a construção do projeto de civilização e a construção da identidade latino-americana. A essência do homem latino-americano estaria, portanto, na educação e na valorização da sua própria cultura.

Considerações finais

Os pilares da colonização da América Hispânica (terra, religião e educação), encontraram em Simon Bolívar, Domingo Sarmiento e José Martí, análises e argumentos diversificados, mas revelam algumas questões em comum. A principal questão foi a concordância, cada um a partir da sua própria interpretação do legado deixado pela metrópole espanhola, do fato de que a população em geral não estava preparada para o exercício pleno da liberdade política. Além disso, observaram a impossibilidade de construção de uma nação, dentro do ideário de civilização forte e baseado nas dinâmicas próprias desta parte do mundo.

A educação popular para Martí assumiu características diferentes das preconizadas por Bolívar. A premissa da igualdade, por exemplo, não estava baseada na idéia dos “iluminados”. Não havia também a defesa de uma educação diferenciada para os “chefes da nação” e para “o povo”. Mas sim, a idéia de que não havia razão alguma para diferenciar a educação entre ricos e pobres. Portanto, todos, igualmente, deveriam ter acesso à educação. Para Martí, liberdade e educação obrigatória são elementos fundamentais e complementares para a promoção da emancipação da população.

Referências

BOLÍVAR, Simon. *Escritos políticos*. Caracas: Alianza, 1969.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Havana, Cuba: Editorial Letras Cuibanas, 1981

SARMIENTO, Domingo. *Civilizacion y barbarie*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

STRECK, Danilo R. José Martí e a educação popular: um retorno às fontes. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.34, n.1, p. 011-025, jan./abr. 2008.

PAMPLONA, Marco A. *Ambiguidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a idéia de nação na Argentina e no Brasil*. Revista de Estudos Históricos. Vol (2). No. 32. 2003.

Resumo: O artigo tem como propósito discutir as propostas educacionais e o ideário civilizatório estabelecido nos argumentos de alguns dos protagonistas da emancipação da América Hispânica: Simon Bolívar, Domingo Sarmiento e José Martí. Embora estes personagens compreendessem a necessidade do rompimento com o domínio espanhol, reconheciam que a população não estava preparada para o exercício da liberdade. Nesse sentido, o processo de construção nacional deveria estar assentado, entre outros, na educação como via de integração social e cultural dos países hispânicos sob um status político independente.

Palavras-chave: Educação; América Hispânica; Emancipação Política; Processo Civilizatório.

Resumen: El artículo tiene como objetivo discutir las propuestas educativas y los ideales de civilización establecida en los argumentos de algunos de los protagonistas de la emancipación de Hispanoamérica: Simón Bolívar, Domingo Sarmiento y José Martí. Aunque éstos personajes tuvieran la comprensión de la necesidad de romper con la dominación española, ellos ha reconozco que la población no estaba preparada para el ejercicio de la libertad. En este sentido, el proceso de construcción de la nación debería estar apoyado, entre otros, en la educación como un medio de integración social y cultural de los países hispanos en virtud de un status político independiente.

Palabras clave: Educación; Hispanoamérica; Política de Emancipación; Proceso Civilizador.